



GT 015. Antropologia das Mobilidades Contemporâneas

André Dumans Guedes (GSO/UFF) -
 Coordenador/a, Candice Vidal e Souza (PUC Minas) -
 Coordenador/a, Luzimar Paulo Pereira
 (Universidade Federal de Juiz de Fora) -
 Debatedor/a

Este grupo de trabalho pretende abrigar pesquisas que tenham as mobilidades como objeto etnográfico. Buscamos dialogar com trabalhos que abordem as formas e significados de experiências, práticas e representações diversas sobre o deslocamento, em diferentes contextos socioespaciais e temporais. Para tal fim, sugerimos que os trabalhos tratem de uma ou mais das seguintes questões: 1) as formas de mobilidade ou deslocamento cotidiano, seus arranjos espaço-temporais característicos e sua relação com formas de organização de coletivos, identidades e institucionalidades; 2) as diferenças nos deslocamentos (ou nas imobilidades) pensadas em suas relações com as capacidades diferenciais dos sujeitos de se mover e ter acesso ao mundo, em razão de situações de classe, gênero, localização, etnia, idade ou valores religiosos e morais; 3) as propostas e reflexões metodológicas para o estudo de sujeitos em movimento. As mobilidades em questão podem situar-se no interior de áreas urbanas, rurais ou naturais; ou entre tais espaços. Nesse sentido, buscaremos orientar nossa discussão coletiva pelo diálogo com aquelas reflexões pioneiras sobre o tema surgidas dos estudos sobre o campesinato brasileiro. O que há de particularmente inspirador nestes estudos, balizando aqui nossa discussão, é a estratégia de analisar as múltiplas formas e modalidades de movimento conjuntamente com a diversidade de vocabulários, linguagens e formas narrativas de que se servem aqueles em deslocamento.

Territórios, movimentos e desertos entre quilombolas do nordeste de Goiás

Autoria: Daniela Carolina Perutti

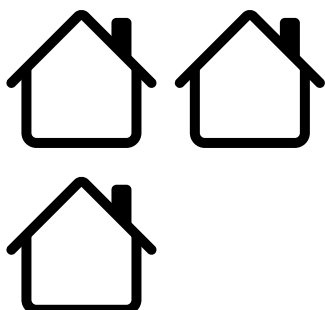
Neste paper, pretendo explorar as diversas maneiras pelas quais os quilombolas de Família Magalhães (Nova-Roma, GO) se territorializam e desterritorializam a partir daquilo que entendem como movimento e deserto. O grupo é originário dos kalungas, escravos fugidos que viviam, desde o século 17, escondidos pelas serras e vales do Rio Paranã. Naquele momento de fuga a uma condição de escravidão, movimentavam-se para não serem vistos, e a região parecia propícia para isso. Os chamados kalungueiros por ali se espalharam e parte deles estabeleceu-se, já nos anos de 1950, em local conhecido como Fazenda Lavado, no município de Nova Roma. Família Magalhães, assim como os demais novarromanos em geral, queixam-se com frequência do fato de aquele lugar estar sem movimento, em vias de virar um deserto. Dizem que ali não existe uma firma, nunca foi caminho de uma BR, o garimpo acabou e a terra padece na seca, que a cada ano é mais intensa. Em certas narrativas, Nova Roma é quase um não lugar, pois marcado fundamentalmente pela falta. É sob essa percepção que tecem suas formas de estar no mundo, em busca de movimento: seja nas andanças para Brasília, Goiânia, oeste da Bahia e fazendas vizinhas, com o intuito de caçar melhora, seja atraindo gentes e relações no tempo da política e nas festas de santo, marcadas por intensa circulação de pessoas e trocas de ajudas. Família Magalhães lida de formas específicas com o que chamam de deserto. Ao se definirem como pessoas propensas à amizade, tomam sua maneira de produzir relações como forma de dar movimento às suas vidas. Consideram que esse modo amiguelo de ser é uma herança do falecido João Magalhães, ancestral fundador da família que, por meio de suas andanças, teria feito muitos amigos. Contudo, para além de uma suposta herança atribuída aos movimentos do pai, Sebastiana, viúva de João, diz que seus filhos só se fizeram amiguelos porque foram por ela criados no deserto, longe de farras, bebidas, cigarro, longe de malandragem. São, em sua acepção, pessoas honestas, calmas, sem maldade, qualidades necessárias a um amiguelo. Assim, para os Magalhães, deserto aparece tanto como ausência de gentes e de relações, de onde procuram se afastar por meio de sua propensão a produzir amizades, quanto do ponto



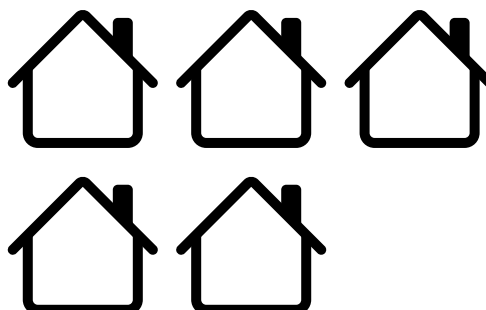
de vista das mães ? condição original, necessária para se fazerem ?amigueiros?, conferindo movimento às suas vidas, pois só teriam essas qualidades porque foram criados no deserto. Pretendo, portanto, explorar os sentidos e relações entre deserto e movimento nos modos de estar no mundo desses quilombolas.



Realização:



Apoio:



Organização:

